

As virtudes da cautela: um apelo ao despertar de nossas respostas estéticas¹



JAMES HILLMAN

Resumo

A despeito de nosso gênio inventivo e depois de tantos séculos, nós, modernos, só fomos capazes de acrescentar um único pecado novo aos clássicos sete capitais: a pressa. Como um cavalo com anteolhos, a vista fixada no prêmio, o herói corre com ímpeto para a feiúra — o próprio mundo que construiu.

Uma resposta estética é, portanto, uma ação política. Posicionar-se a favor de respostas que aceitem as reverberações estéticas da verdade, pode ser o principal ato cívico do cidadão.

Palavras-chave: modernidade; temporalidade; cautela; beleza; estética.

Abstract

In spite of our inventive genius and after so many centuries, us modern, we were only capable to increase a single new sin to the classic seven capitals: the hurry. As a horse, the view fastened in the prize, the hero runs with impulse for the ugliness—the own world that built.

An aesthetic answer is, therefore, a political action. To position in favor of answers that accept the aesthetic reverberations of the truth, it can be the citizen's main civic action.

Key-words: modernity; time; caution; beauty; aesthetic.

Avareza, gula, vaidade, lascívia, inveja, ira, preguiça — a estes clássicos sete pecados capitais, de acordo com

1. Publicado originalmente em *Resurgence* n.º 213, July/August 2002. Tradução, do original em inglês, de Norma Telles (E-mail: normatel@pucsp.br).

Aldous Huxley, nós, modernos, a despeito de nosso gênio inventivo e depois de tantos séculos, só fomos capazes de acrescentar um único pecado novo. Qual? Pressa, afobação, correria, velocidade, ímpeto, aceleração. Nosso *Zeitgeist* [espírito do tempo] é regido pelo *Geist* [Espírito] do *Zeit* [Tempo]. Vivemos numa economia da pressa, e o próprio planeta aquece com a energia de nossa rapidez. Tempo é dinheiro e, por isso, os velhos adágios são rejeitados: “devagar se vai ao longe”; “olhe antes de saltar”; “mais vale prevenir do que remediar”; “os tolos correm por onde os anjos hesitam em pisar”; “cautela e caldo de galinha não fazem mal a ninguém”.

A pressa, o espírito rápido do tempo, afeta também a biologia humana. A menarca ocorre cada vez mais cedo; as crianças crescem mais rápido; os atletas quebram recordes pulando obstáculos mais depressa, saltando mais alto e mais longe. E a rapidez afeta nossos diagnósticos psiquiátricos: quem quer ser considerado lento, retardado, passivo, retraído, regredido, fixado...?

O tempo é imaginado como um rio que corre e adquire velocidade conforme flui, sempre numa mesma direção, e, por isso, “Aquele que vacila está perdido”, como se costuma dizer. A cautela então só pode ser imaginada como timidez, pessimismo, obstinação recalcitrante, teimosia e um estúpido apego a modos antigos. E, mais ainda, as imagens e a retórica que exigem cautela e resistência à corrida impetuosa revivem as imagens e a retórica de um antigo deus da cultura mediterrânea e re-

nascentista, Saturno/Cronos — velho, lento, frio, negativo, estável, limitador e avaro, um inimigo da mudança.

Quando o princípio de precaução entra no debate público, os partidos se agrupam por linhas arquetípicas, até mesmo míticas. De um lado, otimismo, futurismo, expansão, pensamento positivo, um avanço progressista que vai de encontro aos obstáculos conforme eles surgem para vencê-los com redobrada energia. Essa é a mente heróica, movendo-se decididamente para a frente, à altura de qualquer desafio, confiante em sua própria habilidade. Nenhum monstro é grande demais, nenhuma parede é completamente impenetrável.

Enquanto o tempo for imaginado de acordo com o impulso heróico, a cautela será, por princípio, condenada. Ela só pode ser vista como bloqueadora, como aquilo que freia, como uma barreira no rio que impede seu curso produzindo remansos e poças estagnadas. A cautela guarda apenas a face que lhe é atribuída pela noção heróica unilateral.

Três outras características de nosso tempo são lançadas de roldão nesse mesmo rio: os cultos da tecnologia, a competição e a celebridade. As principais melhorias trazidas por mudanças tecnológicas, até a era da computação eletrônica, eram poupadoras de trabalho e de espaço. Um avanço tecnológico era mensurável pelo número de horas de trabalho que uma máquina poupava e que podia compactar e reduzir materiais para tamanhos mais maleáveis e transportáveis. Mas agora a mudan-

ça tecnológica traz principalmente o benefício da velocidade: um maior número de coisas feitas mais rapidamente. O que é poupado é o tempo.

O tempo também amaldiçoa os prazeres da descoberta. Não é mais suficiente experimentar, ponderar placidamente, descobrir. Há uma pressão competitiva esmagadora para ser o primeiro a anunciar uma fórmula, um método, um produto. O primeiro a publicar pode ganhar um prêmio Nobel; o primeiro no mercado tem o maior lucro. Estamos na era dos atalhos, da espionagem corporativa e de resultados falsificados — devido à competição. Como numa corrida a pé, só aquele que chega em primeiro lugar se qualifica; os outros são perdedores. Uma cultura que promove ganhadores consegue mais e mais perdedores. Gosto de recordar um preceito da religião *Sikh*: “Fique sempre em segundo lugar”. A precaução como virtude.

O culto da celebridade — a idéia de que cada um de nós pode ter seus “quinze minutos de fama”, nas palavras de Andy Warhol — alterou radicalmente a noção de fama. Na época romana, ou durante o Renascimento, *fama* ou reputação era imaginada como um espírito companheiro invisível, o gênio herdado de um ancestral. Ele era mais precioso do que a própria vida, devia ser servido, honrado, enaltecido por ações, mantido imaculado. Seus benefícios duradouros passavam para os herdeiros, transmitindo-se às gerações futuras como o brasão e o nome de família. Agora a fama foi acelerada e substituída pela

celebridade, termo cuja raiz é aparentada com *celeritas*, *celeritatis* e com a palavra — inglesa e portuguesa — “aceleração”.

Haveria outra maneira de considerarmos o princípio de precaução sem ser a partir de premissas míticas e imagens do ego heróico apressado? E, por falar nele, o ego heróico, cujo epítome na mitologia mediterrânea foi Hércules, enlouqueceu depois de correr por seus doze trabalhos e precisou descer ao mundo subterrâneo das sombras e dos mortos ou, em outro conto, sentar-se quieto e fiar, girando e girando a própria e mesma roda, todo avanço exaurido.

É importante lembrarmos ao que se refere, mais precisamente, esse princípio de precaução. Não vou defini-lo por meio de declarações nem de acordos internacionais onde está incorporado a protocolos. Nem mesmo por meio das políticas dos governos da Alemanha e da Suécia, onde tem força de lei. Em vez disso, minha definição vem de uma fonte bem diversa, da administradora da Agência de Proteção Ambiental da atual administração Bush, Christie Whitman, que afirmou, em Washington, nos Encontros da Academia Nacional de Ciência:

Os formuladores de políticas precisam adotar uma abordagem cautelosa em relação à proteção ambiental... Precisamos reconhecer que a incerteza é inerente à condução dos recursos naturais, reconhecer que é em geral mais fácil prevenir o dano ambiental do que repará-lo mais tarde, e precisamos passar o ônus da prova

daqueles que advogam a proteção para aqueles que propõem uma ação que pode ser danosa.

Até aqui tudo bem, mas a declaração de Whitman permanece no nível das intenções — como proceder melhor ou como não proceder. E quanto aos fins que os meios servem? Qual é o propósito mais amplo de um projeto, qual é seu *telos*, em termos de Aristóteles, “aquilo por causa do que” o projeto foi concebido? Se os fins são a vantagem competitiva, o aumento do lucro, vantagens de taxações, será que esses fins não desqualificam os meios, não importa o quanto estes sejam protetores do meio ambiente? Suponha, no entanto, que os fins pareçam mais nobres — curas mais garantidas, uma Terra mais fria, águas limpas, conservação das espécies —: os meios então se justificam pelos fins?

A filosofia moral sustenta que fins a longo termo, não importa quão nobres sejam, nunca podem justificar meios de curto prazo, mas que os fins devem mostrar sua nobreza a cada momento dos meios. O princípio de precaução tem algo a oferecer aqui para resolver este dilema da correlação fins e meios. Que eles estão muito bem correlacionados na economia corporativa predatória, é visível por todo o mundo: exploração dos recursos minerais (fins) correlacionados com meios de devastar a Terra, oprimir povos autóctones, destruir o equilíbrio ecológico, deteriorar a cultura. Como é possível correlacionar meios e fins de maneira positiva?

Ao diminuir a velocidade e questionar os meios mais evidentemente eficientes, a precaução incita inovações e experimentos. Um convite a Hermes, o de mente mercurial, para provar modos previamente não imaginados de chegar aos mesmos fins e de acordo com esses fins. A necessidade causada pela cautela, na verdade, torna-se a mãe da invenção.

Sou um psicólogo e, como tal, preciso oferecer chão psicológico à cautela, além de vantagens razoáveis e implicações míticas. Três tipos de fundos de cena são particularmente interessantes de ser lembrados.

O primeiro é a máxima hipocrática: *primum nihil nocere*. Antes de mais nada, acima de tudo, primeiro, não faça mal, não prejudique nada. Antes de qualquer ação, ou plano de ação, antes de mais nada, considere o lado ruim antes do bom. Considere os riscos ao invés dos benefícios. Os gastos de pesquisa devem abordar os piores cenários possíveis e estender na íntegra a noção de “fazer mal”.

A máxima hipocrática sugere, ao menos, duas idéias. Primeira, que a intervenção nos modos do mundo, apesar das ilusões que a bondade heróica coloca em suas ambições, sempre atrai uma sombra. O yin acompanha o yang, sempre e em toda parte. Pese as consequências do que pode estar no lado obscuro de sua ânsia em ajudar, de sua visão clara. Segunda, essa máxima implica que a Terra tem suas próprias virtudes e forças: a natureza pode estar agindo de maneiras que nossa falta de precaução não nos deixa perceber. A

cautela hipocrática traz consigo um fundo de animismo antigo, de respeito pela dignidade e poder dos fenômenos. Pede uma escuta atenta dos fenômenos, além de custo-benefício e das determinações de risco, para que se possa descobrir *seu* valor e suas intenções além das nossas, de modo a podermos trabalhar com eles, até mesmo seguir a liderança *deles*, pelo seu bem assim como pelo nosso.

O próximo pano de fundo para o princípio de precaução é o *daimon* de Sócrates. Em vários trechos dos escritos de Platão, Sócrates é descrito como alguém que se detém diante de uma ação devido à intervenção de seu *daimon*. Esse *daimon*, espírito, anjo, voz interior, gêmeo invisível, esse “fator psíquico autônomo” (Jung), foi denominado “espírito cauteloso” pelos comentaristas desses textos. Dentre as passagens de que nos lembramos, a mais famosa de suas aparições se dá na cela onde Sócrates aguarda a cícuta. Quando lhe indagam por que não foge, ele responde que a isso não fora incitado por seu *daimon*, pois, explica a seguir, o espírito acautelador nunca diz a alguém o que fazer, só o que não fazer; ele age unicamente como cautelar. Ele fala de uma maneira peculiar: não estatística e nem cientificamente, mas como anedota ou superstição, sintomaticamente com augúrios, pistas e sussurros; até mesmo através de eventos corporais como espirros, bocejos e soluços.

Um terceiro fundo de cena psicológico para a cautela é, muito simplesmente, o *background* endêmico das so-

ciedades ocidentalizadas em qualquer lugar: a depressão. A depressão torna mais lentas as diligências heróicas; a própria idéia de ação é demais! Por isso, a depressão, quer da psique quer da economia, é desesperadamente temida nas sociedades ocidentalizadas e todas as medidas possíveis são mobilizadas contra ela. A pressão que sentimos, as drogas que tomamos, as expectativas que nutrimos e os ditados da expansão econômica global são todas medidas antidepressivas. A psiquiatria poderia facilmente dizer que o impetuoso avanço do rio é uma defesa maníaca contra a depressão.

Dessa perspectiva, a precaução tem pouco valor. De fato, a oposição furiosa que o princípio de precaução provoca conforma-se exatamente aos acessos de fúria de pacientes maníacos quando são interrompidos, acalmados ou instados a repetir-se. Sugerir cautela numa sociedade maníaca é entendido por ela somente como depressão e, por isso, o princípio de cautela deve ser introduzido em termos maníacos como inovador, progressista, penetrante, visionário e benéfico em escala mundial. O que, sem dúvida, ele poderia muito bem ser!

Além dos *backgrounds* hipocrático, socrático e depressivo à psicologia da cautela, há um quarto pano de fundo: a beleza. Como Tomás de Aquino observou, e James Joyce repetiu, a beleza pára o movimento. A Beleza nos arrebatava. Retemos a respiração, ficamos surpresos ou maravilhados, espantados ou mesmo aterrorizados, como disse Rilke. Essa suspensão momentâ-

nea ante um momento de beleza também é verdadeira para a feiúra, pois, como disse Plotino, a feiúra faz a alma recuar para dentro de si mesma e voltar-se para um outro lado.

A apreensão, “ahh-h”, está na raiz da palavra “estética”. Essa resposta estética, quer ao feio ou ao belo, mostra uma compreensão instintiva e imediata do mundo, anterior aos julgamentos estéticos e aos discernimentos. A beleza recai sobre nós num relance, agarra-nos e solta. O horror faz o mesmo. A resposta estética é dada com a psique, como um *daimon* interno acautelador que nos detém, como o humor depressivo que recusa a ação.

A beleza, porém, impele à ação. Isto é, a resposta estética simples conduz ao protesto estético contra a feiúra, por um lado, e ao desejo estético de preservar, proteger e restaurar o belo, por outro. Sem dúvida, várias tentativas de conservar podem se transformar em conservadorismo reacionário, hostil à mudança tecnológica. Mas ir para trás não é a intenção da resposta estética, nem da precaução. Voltar para trás resulta da identificação da beleza com o momento particular de sua aparição; um estilo singular, que então se cristaliza numa ideologia da beleza, quer seja em naturalismo, romantismo, modernismo, formalismo, nacionalismo, populismo, vernaculismo ou idealismo. Cada um desses termos mantém cativa a resposta estética, acorrentada a um dogma e privada de sua espontaneidade cândida. Mas, o que essa resposta mais livremente busca é sensibilidade e largueza intensificadas para po-

der se pôr em jogo mais vezes e mais perceptivelmente. Em outros tempos, isso era denominado aperfeiçoamento gradual do bom gosto.

Aqui é preciso distinguir o momento de parada do movimento de uma identificação com a própria parada, como se a beleza precisasse ficar imóvel. Porque a beleza, como a cautela, não foi feita para ficar quieta. O ditado não é “*Não salte*”, mas “*Olhe antes de saltar*”. A beleza só quer que nós detenhamos por um momento o insensato e insensível impulso para a frente a fim de abrir os sentidos ao provocar a resposta estética. Conforme o momento de suspensão escapa, o princípio de precaução pode incorporar às suas explorações inovadoras uma consciência estética, insistindo que qualquer plano ou projeto não negligencie a exigência que faz a beleza, ou os efeitos deletérios da feiúra.

Se conseguíssemos despertar nossos sentidos de seu entorpecimento psíquico, da anestesia, muitos dos produtos e dos programas, o próprio rio do tempo — acelerado em seu curso pelos poderes que regem os governos, a economia, as corporações, a mídia e as indústrias — desacelerariam o suficiente para infiltrar-se por outros canais, por canais nunca dantes irrigados e que, por isso, nunca tiveram oportunidade de vicejar.

A anestesia parece ser necessária à resistência heróica. Como um cavalo com anteolhos, a vista fixada no prêmio, o herói corre com ímpeto para a feiúra — o próprio mundo que construiu. Estivessem despertadas nossas res-

postas estéticas, não precisaríamos das admoestações implícitas no princípio de precaução — nem mesmo nos avisos hipocráticos e nos augúrios socráticos. A resposta estética individual humana alteraria o próprio curso da história e a forma das coisas em meio às quais vivemos.

Nossos narizes, assim como nossos olhos e ouvidos, também são instrumentos políticos, protestadores. Uma resposta estética é uma ação política. Como o *daimon* de Sócrates que indica somente o que não fazer, nós também sabemos instintiva e esteticamente quando um peixe está podre, quando o senso da beleza é ofendido. Defender esses momentos — e esses momentos ocorrem todos os dias, dentro de todos os prédios de escritório sem janelas; sentados em todas as cadeiras capengas; inundados por ruídos sem sentido e engordados com alimentos industriais —, posicionar-nos a favor de nossas respostas, essas reverberações estéticas da verdade na alma, pode ser o principal ato cívico do cidadão, a origem da cautela e do próprio princípio de precaução com seus avisos para parar, olhar e escutar.

Recebido em 22/9/2002

Aprovado em 30/6/2002

James Hillman, pensador pioneiro da psicologia, autor de diversos livros, entre os quais: *O mito da análise* e *O código da alma*.